

CADERNOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS
CLASSES DE PALAVRAS
CONCORDÂNCIA VERBAL
SEMÂNTICA
PONTUAÇÃO

1.^a EDIÇÃO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
1. MORFOLOGIA E LEXICOLOGIA — NOÇÕES GERAIS	4
1.2. DERIVAÇÃO: GENTÍLICOS E NOMES PÁTRIOS	7
1.3. COMPOSIÇÃO: LOGÓTIPO.....	7
1.4. FAMÍLIA DE PALAVRAS.....	8
1.5. PLURAIS DE NOMES E ADJETIVOS TERMINADOS EM -ÃO E -L.....	9
1.6. A DIFERENÇA ENTRE VERBOS REGULARES E VERBOS IRREGULARES.....	11
2. CLASSES DE PALAVRAS – NOÇÕES GERAIS.....	12
2.1. O USO CONTRASTIVO DE JÁ.....	14
2.2. A CLASSE DE PALAVRAS DE <i>PRÓPRIO</i>	15
2.3. A CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DE <i>TAL</i> («TAL PAI, TAL FILHO»)	16
2.4. A CLASSE DE PALAVRAS DE TRIO	17
2.5. O VALOR DA PREPOSIÇÃO <i>A</i> EM «ÀS VEZES»	18
3. SINTAXE.....	19
3.1. PREDICATIVO DO SUJEITO — NOÇÕES GERAIS.....	19
3.1.1. CONSTITUINTES COM FUNÇÃO DE PREDICATIVO DO SUJEITO	20
3.1.2. FUNÇÕES SINTÁTICAS EM CONSTRUÇÕES COPULATIVAS	21
3.2. CONCORDÂNCIA VERBAL — NOÇÕES GERAIS	22
3.2.2. CONCORDÂNCIA COM «UM DOS QUE».....	23
3.2.2. CONCORDÂNCIA COM EXPRESSÕES PARTITIVAS	24
4. SEMÂNTICA.....	26
4.1. VALOR ASPETUAL – NOÇÕES GERAIS.....	26
4.1.1. ASPETO GRAMATICAL VS. ASPETO LEXICAL.....	27
4.1.2. IMPERFETIVO OU ITERATIVO?	29
4.1.3. ASPETO HABITUAL VS. ASPETO ITERATIVO.....	30
4.1.4. VALOR ASPETUAL DE <i>VIR</i> + GERÚNDIO.....	32
5. PONTUAÇÃO	33
5.1. VÍRGULA — NOÇÕES GERAIS	33
5.1.1. A RELEVÂNCIA DA PONTUAÇÃO	34
5.1.3. VÍRGULA ANTES DE <i>TAMBÉM</i> E <i>ESPECIALMENTE</i>	37
5.1.4. A VÍRGULA ANTES DE <i>OU</i>	38

INTRODUÇÃO

Este é o primeiro número de Cadernos da Língua Portuguesa, uma coleção destinada a dar a conhecer respostas a questões / dúvidas linguísticas que integram o acervo do portal [Ciberdúvidas da Língua Portuguesa](#).

O público-alvo desta publicação, em formato digital, são os leitores e consulentes habituais do espaço Ciberdúvidas, nomeadamente professores, alunos, tradutores, jornalistas e investigadores.

Este primeiro número contempla questões/dúvidas de vários domínios linguísticos (morfologia, classes de palavras, sintaxe, semântica/pragmática, pontuação) com vista a dar a conhecer algumas das áreas mais consultadas do portal. Prevê-se que os números seguintes dos Cadernos de Língua Portuguesa incidam sobre ramos específicos da gramática.

O presente caderno está organizado em cinco secções, cada qual com a seguinte estrutura interna:

- ⇒ Noções gerais: breve exposição da área de funcionamento da língua normativa e das noções descritivas básicas.
- ⇒ quatro a seis pares de pergunta (dúvida)/resposta (esclarecimento) selecionados do acervo do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. A formulação de cada pergunta foi adaptada de modo a facilitar a identificação da dúvida a esclarecer. As respostas apresentadas podem não corresponder na íntegra ao texto original, uma vez que se procedeu a adaptações, a atualizações ou à condensação de informação dispersa.

1. MORFOLOGIA E LEXICOLOGIA — NOÇÕES GERAIS

Perante uma série de palavras como *mar*, *marinho* e *beira-mar*, nota-se que há uma palavra em comum: *mar*. Neste agrupamento, como noutros deste tipo (*família de palavras*), há dois casos — *marinho* e *beira-mar* — que podem analisar-se como a associação de certos elementos dependentes (*-inho*) a palavras mais simples (*mar*), ou como resultado do encontro de duas palavras independentes (*beira* e *mar*).

Procurando outros exemplos, mencione-se o advérbio *facilmente*, formado pelo adjetivo *fácil* e o elemento não autónomo *-mente*, o qual é um sufixo, isto é, um elemento que, não funcionando de modo autónomo, faz parte da terminação da palavra: *FÁCIL-mente*. Diz-se também que *fácil* é uma palavra simples que dá a base de derivação de *facilmente*, que é uma palavra complexa.

Noutros casos, o elemento não autónomo coloca-se antes da palavra independente, como se observa em *desfazer*: *des-FAZER*. Neste exemplo, o elemento *des-* é um prefixo.

Ao processo de formação de palavras que consiste na adição de elementos não autónomos — prefixos, sufixos e outros elementos, que ocorrem associados a palavras independentes como antes se exemplificou — chamamos *derivação*.

Observe-se que a derivação com sufixos não tem apenas por base palavras autónomas. Com efeito, muitas palavras derivadas por sufixação têm como base um radical, e não uma palavra. Um radical é o constituinte da palavra que contém o significado da mesma, mas que exclui os elementos indicativos de número e género. Por exemplo, o radical do nome *gato*, no singular, é *gat-*, forma que é também o radical do plural *gatos* e do feminino *gata*. Sendo assim, o diminutivo *gatinho* tem como base de derivação não a palavra *gato*, mas, sim, o seu radical *gat-*, ao qual se associa o sufixo *-inho*.

Mas há outro processo de formação de palavras que consiste na junção de palavras independentes. Por exemplo, *guarda-chuva* compõe-se da forma verbal *guarda*, do verbo *guardar*, e do nome *chuva*, e, portanto, diz-se que é uma palavra formada por composição, ou mais simplesmente, uma palavra composta. Como a palavra *guarda-chuva* subentende uma sequência frásica (sintática) como «que guarda da chuva», diz-se também que é um composto morfossintático. Dentro da composição, distingue-se ainda outro subtipo, ao qual pertencem muitos termos técnico-científicos, geralmente formados por radicais e palavras de origem grega ou latina:

(1) *histograma* *histo-* < grego *histós*, *oû* 'objeto vertical, tecido' + *-grama* < grego *grámma*, *atos* 'sinal, letra, texto'.

(2) *agricultura* *agri-* < latim *ager, agri* 'campo, domínio, território' + latim *cultura*
'cultivo, cultura'

Compostos como os exemplificados em (1) e (2) denominam-se compostos morfológicos.

Além do estudo da formação de palavras, há também um outro estudo não menos importante: o das variações que as palavras podem assumir em frases e enunciados, ou seja, o da flexão de nomes e adjetivos, para marcar o plural (*mar/mares*), e de verbos para indicar tempo (*amo/amei/amarei*), aspeto (*amei/amava*), modo (*amamos/amemos*), pessoa (*amo/amas/ama*) e número (*ama/amam*).

A análise da estrutura interna das palavras e as regras da sua formação e flexão são estudadas pela morfologia ([*Dicionário Terminológico*](#)). A identificação das palavras possíveis e o estudo das suas relações — como é o caso da família de palavras — são matéria da lexicologia ([*Dicionário Terminológico*](#))

1.1. OS SUFIXOS -MENTO E -ÇÃO



No decurso dos trabalhos de acompanhamento de obras públicas de grande dimensão ocorrem ações de «desmatação» da cobertura vegetal de determinado terreno. Essas ações provocam também «remeximentos» nos solos.

Queria saber se estas duas palavras estão corretas e se se aplicam bem neste contexto.

As palavras **remeximento** e **desmatação** estão bem formadas em português. A palavra **remeximento** está inclusivamente atestada em alguns dicionários (com o significado de «ato ou efeito de remexer»). **Desmatação** é palavra formada a partir do verbo **desmatar** (este atestado) através do sufixo **-ção** (um sufixo que também produz “nomina actionis” a partir de bases verbais, isto é, substantivos com o significado «ato ou efeito de V»). Estes dois sufixos (**-mento** e **-ção**) são muito produtivos em português, significando isto que estão presentes num grande número de palavras derivadas.

N. B.: Há vários dobletes, geralmente havendo um termo mais usado que outro: **beneficiamento/beneficiação**, **distanciamento/distanciação**. Outras vezes, usam-se ambos os termos, mas com pequenas diferenças no uso associado com outras palavras ou com ligeiras diferenças de significado: **salvamento** («operação de salvamento»); **salvação** («salvação das almas»).

Fonte

Costa, F. (2003). «Remeximento + desmatação 1». Ciberdúvidas da Língua Portuguesa.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/remeximento--desmatacao/10641>

1.2. DERIVAÇÃO: GENTÍLICOS E NOMES PÁTRIOS



Gostaria que me informassem qual o adjetivo que define o habitante de Manitoba (manitobense?) e do Ontário (ontariano?).

Antecipadamente agradecida.

Nunca ouvimos nem lemos estes dois gentílicos, mas estão corretamente formados, com sufixos usuais nestes casos (**-ense**, **-ano**). No segundo preferiríamos **ontariense**, evitando-se deste modo o emprego do sufixo **-ano**, menos habitual nestes casos e, em compensação, ocorrente em palavras que não são gentílicos, como **oratoriano** ou **casapiano**. Sucede ainda que **ontariano** é a designação atribuída pelos cientistas à camada básica do terreno arqueano da América do Norte, razão, por outro lado, não impeditiva do seu emprego como gentílico.

Fonte

Fonseca, F. V. P. (2001). "Manitobense/ontariense". *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/manitobense--ontariense/7419>

1.3. COMPOSIÇÃO: LOGÓTIPO



Diz-se e escreve-se "logótipo", com acentuação no segundo "o", ou "logotipo", com acentuação no "i"?

A palavra é esdrúxula, **logótipo**, bem como **fenótipo**, **estereótipo**, **arquétipo**. O motivo é tratar-se de vocábulos cujos elementos são ambos gregos, e, quando tal sucede, de acordo com a acentuação grega, recua-se o acento o mais possível. Portanto, entram neste número igualmente, por exemplo, **telégrafo**, **telémetro**, **fonógrafo**, **taquígrafo**, etc. Às vezes, subsiste a acentuação da língua através da qual recebemos o termo, como em **telefone**, de que o intermediário foi o francês (mas repare-se no espanhol *teléfono*).

Fonte

Fonseca, F. V. P. (1997). "Logótipo e tulipa". *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/logotipo-e-tulipa/104>

1.4. FAMÍLIA DE PALAVRAS



Como é que podemos selecionar as palavras que fazem, ou não, parte de uma determinada família de palavras. Por exemplo, **acasalar**, **casamento**, **casório** pertencem à família da palavra **casa**?

Segundo Cunha e Cintra (1984, p. 83), denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição [...]. Sendo assim, as palavras indicadas na pergunta são da mesma família, porque partilham o radical **cas-** de **casa**.

Numa definição alternativa, Inês Duarte (2000, p. 97) define como família de palavras aquelas que partilham um radical ou afixos derivacionais. Exemplos (retirados da referida obra): **pensamento**, **impensado**, **pensar**, **pensativo**, que têm em comum o radical **pens-**; e **pensamento**, **casamento**, **estrangulamento**, **fornecimento**, todas formadas com o sufixo **-mento**. No entanto, mais recentemente, o *Dicionário Terminológico*, para apoio do ensino da gramática nas escolas básicas e secundárias, atribui ao termo **família de palavras** um significado muito próximo do tradicional, estabelecendo a ocorrência de radical comum como critério de identificação deste tipo de conjunto vocabular: «Conjunto das palavras formadas por derivação ou composição a partir de um radical comum. Exemplos: "mar", "maré", "marítimo", "marinheiro", "marina" são palavras da mesma família.»

Fonte

Rocha, C. (2006). "A família de palavras do vocábulo *casa*". Ciberdúvidas da Língua Portuguesa <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-familia-de-palavras-do-vocabulo-casa/16954>

1.5. PLURAIS DE NOMES E ADJETIVOS TERMINADOS EM -ÃO E -L



Comecei a dar lições privadas de Português na Polónia, a alunos do ensino universitário. Uma aluna solicitou-me informação acerca de formas plurais. Agradecia que me pudessem fornecer alguma informação com exemplos acerca deste tema, ou que me dissessem se existe alguma página na Internet que os contenha.

Relativamente ao tema em apreço, em muitos casos não se trata propriamente de irregularidades, mas de especificidades de alguns grupos de palavras. Farei a seguir uma síntese – inspirada em Cunha e Cintra (1984) – dos diferentes grupos que fazem o plural de forma idêntica entre si:

A – Palavras terminadas em vogal

1 – Regra geral, acrescentam um -s ao singular: **cadeira, cadeiras**.

2 – Se terminarem em ditongo nasal, podem fazer plural de três formas distintas¹:

- i) transformar -ão em -ãos: **mão, mãos**
- ii) transformar -ão em -ões: **leão, leões**
- iii) transformar -ão em -ães: **pão, pães**

B – Palavras terminadas em consoante

Neste caso o plural diverge, dependendo, sobretudo, da consoante final.

1 – Palavras (substantivos e adjetivos, entenda-se) terminadas em -r, -z ou -n: acrescentam -es ao singular: **mar – mares; rapaz – rapazes; abdómen – abdómenes**;

Obs. Se a palavra, no singular, for esdrúxula, torna-se necessário deslocar o acento tónico: **espécimen – espécímenes**.

2 – Palavras terminadas em -s

i) se forem agudas, seguem a regra geral: **ananás – ananases**. Note-se que o plural perde o acento gráfico, pois passa a constituir uma palavra que obedece às regras gerais de acentuação

¹ A explicação inicial e genérica para esta diferença está relacionada com a origem latina dessas palavras. Assim, **mão** vem do latim **manu(m)**. Durante a evolução perdeu o -n- intervocálico (que caiu sempre nesta posição e quando não correspondia a consoante dupla) e ganhou o til que faz a nasalação. Este fenómeno aconteceu com os três exemplos e com a maioria das palavras terminadas em ditongo nasal. Todas elas, no singular, se fixaram em -ão; porém, no plural, apresentam marcas mais evidentes da palavra de origem. Por isso dizemos **mãos**, pois a seguir ao -n- que caiu havia um -u-, que passou a -o-. No caso de **pão**, a palavra latina é **pane(m)**, que origina o plural **pães**. Por seu lado, em **leão**, a palavra de origem é **leone(m)**; daí o plural **leões**.

do português, ou seja, passa a ser uma palavra grave, e, como tal, regra geral, não precisa de acento gráfico.

ii) se forem graves, mantêm-se inalteráveis: um **atlas** – dois **atlas**.

Obs. Também se mantêm inalteradas as palavras que terminam em -x: um **tórax** – dois **tórax**.

3 – Palavras terminadas em -al; -el; -ol; -ul: substituem o -l por -is: **animal** – **animais**; **móvel** – **móveis**; **farol** – **faróis**; **paul** – **pauis**.

4 – Palavras terminadas em -il

i) se forem agudas, transformam o -l em -s: **funil** – **funis**,

ii) se forem graves, transformam o -il em -eis: **projétil** – **projéteis**.

5 – Se se tratar de diminutivos terminados em -zinho ou -zito: fazem plural na palavra de origem (com perda do -s) e no final: **botão** – **botões**; **botãozinho** – **botõezinhos**; **papel** – **papelzinho**; **papéis** – **papezinhos**.

6 – Palavras terminadas em -m: passam o -m a -ns: **homem** – **homens**.

7 – Substantivos compostos

i) Verbo + nome: o verbo não varia: **guarda-chuva** – **guarda-chuvas**;

ii) Nome + nome: as duas palavras vão para o plural: **couves-flores**;

Obs. Por vezes, se um dos nomes determina uma restrição em relação ao outro, o que restringe não varia: **navio-escola**, **navios-escola**;

iii) Nome + adjetivo: vão os dois para o plural: **guardas-noturnos**;

iv) Se o composto tiver a preposição **de**, varia só o nome que antecede a preposição: **chapéu-de-sol** – **chapéus-de-sol**.

Alerto para o facto de esta ser uma área da língua portuguesa em que as fugas à norma são muitas. A melhor forma de saber como se constrói um plural é consultar um dicionário. Este instrumento de trabalho inclui, normalmente, os casos de plurais mais irregulares, dando essa informação, habitualmente, no final da descrição da palavra em causa. E, perante uma dúvida concreta, vale sempre a pena ver no Ciberdúvidas se já alguém refletiu sobre o assunto.

Fonte

Prada, E. (2004). “Sobre a formação do plural”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-a-formacao-do-plural/13422>

1.6. A DIFERENÇA ENTRE VERBOS REGULARES E VERBOS IRREGULARES



Gostava de saber qual é a diferença entre verbos regulares e irregulares e a explicação disso.

Os verbos em português assumem formas específicas em função do modelo ou paradigma a que pertencem. No que diz respeito aos verbos regulares, estes mantêm inalterado o seu radical e flexionam-se de acordo com o mesmo modelo de conjugação. Cunha e Cintra (2000) assinalam, por exemplo, **cantar**, **vender** e **partir** como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações (p. 384). Sabemos, então, que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como **cantar** (canto, cantej, cantava: lavo, lavej, lavava, lavej; moro, morej, morava, morej); os da 2.ª, como **vender** (vendo, vendi, vendia: como, comi, comia, coma; escondo, escondi, escondia, esconda); os da 3.ª, como **partir** (parto, parti, partia, parta: aplaudo, aplaudi, aplaudia, aplauda; decido, decidi, decidia, decida).

Quanto aos verbos irregulares, devemos considerar todos os que se afastam do paradigma das referidas conjugações, entre os quais se destacam: **dar**, **estar**, **fazer**, **ser**, **trazer**, **pedir**, **ir**, entre outros. De acordo ainda com Cunha e Cintra (2000), a irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.¹ Por exemplo, se examinarmos a 1.ª pessoa do presente do indicativo dos verbos **estar** e **pedir**, constatamos que:

- a) a forma **estou** não recebe a desinência normal **-o** da referida pessoa;
- b) a forma **peço** apresenta o radical **peç-**, distinto do radical **ped-**, que aparece no infinitivo e em outras formas do verbo: **ped-ir**, **pedes**, **pedi**, etc.

Fonte

Gama, B. N. (2014). "A diferença entre verbos regulares e verbos irregulares". *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-verbos-regulares-e-verbos-irregulares/32593>

¹ Relativamente à irregularidade dos verbos, deverá, também, distinguir-se irregularidade verbal de certas discordâncias gráficas. Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em **-c**, **-ç**, e **-g** mudam estas letras, respetivamente, em **-qu**, **-c**, e **-gu** sempre que se lhes segue um **-e**: **ficar-fiquei** / **justiçar-justicei** / **chegar-cheguei**

b) os verbos da 2.ª conjugação cujos radicais terminem em **-c**, **-g**, e **-gu** mudam tais letras, respetivamente, em **-ç**, **-j** e **-g** sempre que se lhes segue um **-o** ou um **-a**: **vencer-venço-vença** / **tanger-tanjo-tanja** / **erguer-ergo-erga** / **restringir-restrinjo-restrinja** / **extinguir-extingo-extinga**

Como tal, os exemplos agora demonstrados (cf. Cunha & Cintra 2000) são apenas acomodações gráficas com o objetivo de uniformizar a pronúncia e não implicam a irregularidade do verbo.

2. CLASSES DE PALAVRAS – NOÇÕES GERAIS

Qualquer palavra da língua pode ser introduzida num determinado conjunto ou categoria. Aos conjuntos em que se agrupam as palavras dá-se o nome de classes de palavras, que são estabelecidas com base nas características morfológicas, semânticas e sintáticas que as palavras partilham umas com as outras.

Por um lado, temos classes constituídas por palavras ou locuções que caracterizam entidades externas à linguagem e com sentido descritivo (nomes, adjetivos, verbos), designadas de classes lexicais ou plenas. Estas classes são abertas uma vez que admitem a inclusão de novos elementos (por exemplo, empréstimos). Por outro lado, existem também classes fechadas, cujos membros têm essencialmente uma função estruturadora ao nível da frase e ao nível do discurso. Estas classes chamam-se classes gramaticais ou funcionais.

As classes lexicais (abertas) não dependem morfológica e fonologicamente de outras entidades do léxico, apresentam marcas de flexão e representam a realidade extralinguística com especializações típicas. As classes gramaticais (fechadas), por sua vez, tendem a ser morfológica ou fonologicamente dependentes, embora possam ser palavras autónomas.

No quadro seguinte, apresentamos uma tipologia de classes de palavras no quadro do ensino não universitário.

Classes de Palavras Abertas				
<p>Nome // Substantivo</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Próprio ⇒ Comum 	<p>Verbo</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Principal (intransitivo; transitivo direto, transitivo indireto; transitivo direto e indireto; transitivo-predicativo) ⇒ Copulativo ⇒ Auxiliar 	<p>Adjetivo</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Qualificativo ⇒ Numeral ⇒ Relacional 	<p>Advérbios</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Predicado ⇒ Frase ⇒ Negação ⇒ Afirmação ⇒ Quantidade e grau ⇒ Inclusão e exclusão ⇒ Designação ⇒ Conectivo ⇒ Interrogativo ⇒ Relativo 	<p>Interjeição</p>
Classes de Palavras Fechadas				
<p>Conjunções</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Coordenativas (copulativas; adversativas; disjuntivas; conclusiva; explicativas) ⇒ Subordinativas (completiva; causal; final; temporal; concessiva; condicional; comparativa; consecutiva) 	<p>Pronome</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Pessoal ⇒ Possessivo ⇒ Demonstrativo ⇒ Indefinido ⇒ Relativo ⇒ Interrogativo 	<p>Quantificador</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Numeral ⇒ Universal ⇒ Existencial ⇒ Interrogativo ⇒ Relativo 	<p>Determinante</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Artigo Definido e Indefinido ⇒ Demonstrativos ⇒ Possessivos ⇒ Indefinido Interrogativo ⇒ Relativo 	<p>Preposições</p>

2.1. O USO CONTRASTIVO DE JÁ



No período «O transporte é público, já o corpo da mulher não», a palavra **já** pode ser considerada uma conjunção?

Na frase apresentada pelo consulente estão descritas duas situações que contrastam entre si: o facto de o transporte ser público contrasta com o facto de o corpo da mulher não o ser. Isto significa que o contraste existente na frase não depende da palavra **já**, mas antes do conteúdo semântico de cada um dos constituintes.

Note-se, ainda, que este contraste poderia ser tornado explícito pela presença da conjunção coordenativa adversativa **mas**, cuja presença não impede a utilização de **já**.

(1) «O transporte é público, **mas já** o corpo da mulher não.»¹

Este é um uso que é também possível identificar na literatura. Veja-se, a título de exemplo:

(2) «A irritação ditava-lhe uma violenta resposta, **mas já** lho não permitia a consciência.»

(Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*. 1860)

Ora, uma vez que a coordenação entre dois termos só pode ser assegurada por uma, e apenas uma, conjunção (Matos & Raposo in Raposo, 2013-2020, p. 1806-1807), esta construção vem mostrar que **já** não é uma conjunção.

Na verdade, neste contexto, **já** é um advérbio que tem como função marcar o contraste entre «uma entidade A com outra entidade B relativamente à maneira como o falante encara a participação da entidade A numa determinada situação, em comparação com B.» (cf. Raposo in Raposo, 2013-2020, p. 1653), tendo, deste modo, um funcionamento similar ao dos advérbios focalizadores (designados advérbios de inclusão ou exclusão, no *Dicionário Terminológico*).

N. B.: A palavra **já** é classificada na gramática tradicional como advérbio de tempo (no *Dicionário Terminológico* esta subclasse de advérbios pertence ao advérbio de predicado). Os advérbios são palavras invariáveis em género e número, sendo que esta classe incluiu elementos com características heterogéneas do ponto de vista morfológico, sintático e semântico. Qualquer advérbio (à exceção do advérbio de negação **não**) pode, geralmente, ser substituído por outro formado com o sufixo *-mente*.

1. Com a utilização da conjunção **mas** parece ser mais natural a seguinte construção «O transporte é público, mas já não o corpo da mulher.»

Fonte

Marques, C. (2019). "O uso contrastivo de *já*". Ciberdúvidas da Língua Portuguesa.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-uso-contrastivo-do-adverbio-ja/35421>)

2.2. A CLASSE DE PALAVRAS DE *PRÓPRIO*



Na expressão «*O próprio problema...*», «*o próprio*» é um determinante demonstrativo ou deverá ser analisado separadamente?

Próprio pode funcionar como determinante demonstrativo quando acompanha um nome, colocando-se à sua esquerda e expressando o sentido de «exato», «idêntico» ou «em pessoa». A possibilidade de pertença à classe dos determinantes demonstrativos é referida por Cunha e Cintra (1984), em cuja gramática se apresenta como exemplo:

(1) «Foi a **própria** Carmélia que me fez o convite.» (Ciro dos Anjos) (p. 342-342)

Convém, não obstante, referir que, no *Dicionário Terminológico*, documento de referência para a terminologia e conteúdos gramaticais a tratar no ensino obrigatório em Portugal, não encontramos referência a **próprio** como elemento integrante da classe dos determinantes demonstrativos. Para além disso, as características apresentadas como típicas desta classe não se aplicam a **próprio**. Com efeito, afirma-se que «o determinante demonstrativo não pode coocorrer com o artigo», comportamento que **próprio** não evidencia, como fica claro pelo contraste entre (2) e (3)¹:

(2) «***O este** professor é exigente.»

(3) «O **próprio** professor é exigente.»

Aponta-se também o facto de o determinante demonstrativo preceder obrigatoriamente o determinante possessivo, em caso de coocorrência, o que também não acontece com **próprio**, que sucede o possessivo:

(4) «**Este meu** professor é exigente.»

(5) «O meu **próprio** professor é exigente.»

Atendendo aos aspetos ilustrados pelas frases (2) a (5), em caso de abordagem em contexto didático, será importante ter em consideração estas indicações, no sentido de estar em conformidade com os documentos orientadores. Neste contexto, **próprio** deverá ser considerado um adjetivo, classe a que pertence em casos como (6):

(6) «Reclame em formulário **próprio**.»

Fonte

Marques, C. (2018). "A classe de palavras de *próprio*". *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*.
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-classe-de-palavras-de-proprio/35012>

¹ O asterisco * indica agramaticalidade.

2.3. A CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DE TAL («TAL PAI, TAL FILHO»)



Na frase «*Tal pai, tal filho*», como classificar morfologicamente **tal**?

Na frase que apresenta, a palavra **tal** é um determinante demonstrativo.

É um determinante, porque antecede um nome, concordando com este em número: «Tais pais, tais filhos.»

É um demonstrativo, pois contribui para a construção da referência dos nomes **pai** e **filho**, situando-os no espaço ou no tempo em relação ao participante do discurso.

Pode, por isso, ser substituído por outros elementos dessa subclasse: «Esse pai, esse filho»; «o mesmo pai, o mesmo filho»

N. B.: De acordo com o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, a palavra **tal** pode ser um pronome indefinido quando ocupa uma posição nominal e designa uma pessoa indeterminada (1), um pronome demonstrativo quando designa algo já mencionado e é utilizado como equivalente a **este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo** (2), um determinante quando se combina com outra palavra (por exemplo, um nome) e traduz intensidade (3), um advérbio quando indica «dessa ou daquela maneira» (4) e um nome quando designa uma pessoa indeterminada e usa-se precedido por um artigo (5).

(1) Houve **tal** que passou por aqui e deixou tudo sujo!

(2) **Tal** foi notícia em todos os jornais.

(3) É difícil suportar **tal** calor!

(4) **Tal** se passou o dia.

(5) O **tal** antipático que conheces!

Fonte

Tavares, S. D. (2010). “A classificação morfológica de *tal* (‘Tal pai, tal filho’)”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-classificacao-morfologica-de-tal-tal-pai-tal-filho/28194>

2.4. A CLASSE DE PALAVRAS DE TRIO



*Morfologicamente, **trio** é um substantivo coletivo? Ou um numeral coletivo?*

Pode considerar-se – e muitas gramáticas assim o fazem – que **trio** é um numeral coletivo. O *Dicionário Terminológico* não inclui os numerais coletivos entre os quantificadores numerais. Há gramáticas que não chegam a classificar palavras como **trio** ou **dezena** como coletivos; mas, por exemplo, Bechara (2003) afirma que se trata de numerais que têm analogia com os coletivos, com a diferença de definirem a quantidade (p. 204).

No entanto, há várias gramáticas que incluem **par** e **dezena** numa série que forma a classe dos numerais coletivos (Teyssier, 1989, p. 185). Mais recentemente, Raposo et al. (2013) apresenta **par**, **trio**, **quadra**, **quinteto**, **dezena**, etc. como uma série que constitui os numerais coletivos (p. 926-927).

Em suma, **trio** é geralmente tratado como coletivo e afigura-se legítimo classificá-lo entre os numerais coletivos, o que não impede que outras gramáticas lhe atribuam outra classificação.

Fonte

Rocha, C. (2016). “A classe de palavras de *trio*”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-classe-de-palavras-trio/33716>

2.5. O VALOR DA PREPOSIÇÃO A EM «ÀS VEZES»



Que significado possui a preposição *a* na expressão «às vezes»?

«Às vezes» é uma locução adverbial, com valor temporal, que significa «em algumas ocasiões ou circunstâncias; por vezes» (*Dicionário Priberam; Houaiss*).

Segundo o *Dicionário Houaiss*, por exemplo, a referida preposição pode veicular a ideia de tempo (ex.: «A que horas?»), podendo empregar-se «também [...] em locuções adverbiais (ex.: à mão; a máquina; a tempo; ao lado)».

Fonte

Mateus, P. (2012). “O valor da preposição *a* em ‘às vezes’”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-valor-da-preposicao-a-em-as-vezes/30632>

3. SINTAXE

3.1. PREDICATIVO DO SUJEITO – NOÇÕES GERAIS

O predicativo do sujeito é a função sintática em que se predica algo sobre o sujeito,

1. ao qual se atribui uma dada característica / propriedade:

(1) «O João é **simpático**.»

2. relativamente ao qual se descreve um estado

(2) «O João é **alto**.»

3. do qual se dá uma localização temporal ou espacial

(3) «A escola é **aqui**.»

(4) «O exame é **amanhã**.»

O predicativo do sujeito ocorre com verbos, tais como **ser, estar, ficar, permanecer, continuar, tornar-se, revelar-se**, usados copulativamente.

A função de predicativo do sujeito pode ser desempenhada por constituintes com natureza muito diversificada:

4. uma palavra isolada: um nome (5), um adjetivo (6) ou um advérbio (7):

(5) «O João é **advogado**.»

(6) «O João é **competente**.»

(7) «O João está **bem**.»

5. um sintagma nominal (8), adjetival (9) ou preposicional (10):

(8) «O João é **o advogado do presidente da empresa**.»

(9) «O João está **contente com o trabalho**.»

(10) «O João é **de Lisboa**.»

6. uma oração não finita (11) ou finita (12):

(11) «O trabalho do João é **aconselhar juridicamente**.»

(12) «O João é **o que mais trabalha na empresa**.»

3.1.1. CONSTITUINTES COM FUNÇÃO DE PREDICATIVO DO SUJEITO



Em «O Bernardo é o que mais trabalha», a oração «o que mais trabalha» é substantiva relativa com função de predicativo de sujeito?

Com efeito, na frase apresentada, a oração subordinada substantiva relativa «o que mais trabalha» desempenha a função de predicativo do sujeito.

A frase apresentada pertence a um tipo particular de copulativas, as chamadas copulativas identificadoras. Estas visam identificar as propriedades que caracterizam determinado indivíduo ou realidade (cf. Raposo *et al.*, 2013, p. 1319). Estas copulativas são estruturas equativas, o que significa que tanto podem surgir com a ordem canónica SUJEITO + SER + PREDICATIVO do SUJEITO como com a ordem inversa PREDICATIVO do SUJEITO + SER + SUJEITO. Por esta razão, a dificuldade nestes casos passa pela identificação das funções desempenhadas pelos constituintes que compõem a frase. Para tal, existem dois testes que se podem aplicar no sentido de identificar o sujeito da frase: o teste da clivagem e o teste do redobro do sujeito.

Passemos, pois a aplicá-los à frase apresentada pelo consulente:

(i) teste da clivagem: coloca o foco num elemento da frase; nas frases na ordem inversa não é possível colocar o foco no constituinte à esquerda do verbo¹:

(1) «O Bernardo é o que mais trabalha.»

(1a) «É o Bernardo que é o que mais trabalha?»

(1b) «*É o que mais trabalha que é o Bernardo?»

(ii) teste do redobro do sujeito: neste teste, o pronome retoma o sujeito da frase canónica:

(1c) «O Bernardo... ele é o que mais trabalha.»

(1d) «*O que mais trabalha... ele é o Bernardo.»

Ambos os testes apontam para o facto de a frase apresentada em (1a) e (1c) se encontrar na ordem canónica e, logo, o constituinte «o Bernardo» ter a função de sujeito.

Por esta razão, a oração subordinada substantiva relativa «o que mais trabalha» tem a função de predicativo do sujeito.

Fonte

Marques, C. (2020). "Um predicativo do sujeito realizado por uma oração". *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/um-predicativo-do-sujeito-realizado-por-uma-oracao/35996>

¹ O asterisco * indica agramaticalidade.

3.1.2. FUNÇÕES SINTÁTICAS EM CONSTRUÇÕES COPULATIVAS



Gostaria que procedesse à análise sintática desta frase: «Aquele carro é meu.»

Os verbos copulativos (também designados predicativos, de cópula ou de ligação) **ser**, **estar**, **permanecer**, **ficar**, **parecer**, **continuar** (e outros, que podem, eventualmente, tomar o sentido desses) são verbos que apenas selecionam semanticamente um argumento interno, ou seja, uma oração pequena, cujo núcleo pode ser adjetival, nominal, preposicional ou adverbial.

- (1) «O bebé está **contente**.»
- (2) «A Maria é **astrofísica**.»
- (3) «Os meus amigos estão **com pena de se ir embora**.»
- (4) «O museu fica **perto da estação**.»

Este núcleo chama-se predicativo do sujeito. O predicativo pode ser representado por várias classes de palavras: nome, adjetivo, pronome, numeral, uma oração subordinada:

- (5) «Os alunos estão **atentos**.»
- (6) «Esses livros são **meus**.»
- (7) «Os gatos parecem **tigres**.»
- (8) «Ele parece **gostar deste gelado**.»

Por outro lado, os pronomes possessivos podem desempenhar várias funções sintáticas, pois assumem a função sintática do nome ou grupo nominal que substituem:

- (9) «Estas compras são **minhas**.»
- (10) «Aquele carro é **meu**.»

Assim, em (10), «aquele carro» é o sujeito, «é **meu**», o predicado, e **meu** é o predicativo do sujeito selecionado pelo verbo copulativo **ser**.

Fonte

Alves, M. E. (2018). "O predicado e o predicativo do verbo *ser*". Ciberdúvidas da Língua Portuguesa

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-predicado-e-o-predicativo-do-verbo-ser/34430>)

3.2. CONCORDÂNCIA VERBAL — NOÇÕES GERAIS

Em situações comuns, o verbo concorda com o sujeito em pessoa e/ou número (sublinha-se o sujeito):

- (1) «**Nós fomos** ao cinema.»
- (2) «**Os fotógrafos chegaram** tarde.»

Com sujeito simples

Com sintagmas nominais simples, a concordância faz-se com o sujeito, independentemente da sua colocação, antes ou depois do verbo:

- (3) «**Os fotógrafos tiraram** uma foto de grupo.»
- (4) «**Tiraram** uma foto de grupo **os fotógrafos**.»

Com sujeitos compostos

Com um sintagma nominal formado por dois ou mais nomes coordenados e colocados à esquerda do verbo, este concorda com o sujeito no plural:

- (5) «**O fotógrafo e o repórter chegaram** tarde.»

Quando o sujeito composto é formado por sintagmas que se referem a uma mesma realidade, a concordância é feita no singular:

- (6) «**O fotógrafo e meu amigo chegou** tarde.»

Em posição pré-verbal, quando o sujeito composto inclui um nome coordenado com um pronome pessoal, a concordância faz-se na 1.ª pessoa (com o pronome **eu/nós**) ou na 3.ª pessoa (com o pronome **ele(s)/ela(s)**):

- (7) «**Eu e o João vamos** ao cinema.»
- (8) «**Nós e o João vamos** ao cinema.»
- (9) «**Ela e o João vão** ao cinema.»
- (10) «**Eles e o João vão** ao cinema.»

Com pronome **tu**, a concordância faz-se na 3.ª pessoa, subentendendo a forma **vocês** (à exceção dos dialetos setentrionais, que fazem a concordância na 2.ª pessoa, devido à manutenção do pronome **vós**):

- (11) «**Tu e o João vão** ao cinema.» («Tu e o João ides ao cinema», no dialeto setentrional)

Com alguns pronomes

Com os pronomes demonstrativos **isto, isso, aquilo**, com os pronomes indefinidos **algo, alguém, nada, ninguém** e **tudo** ou com o pronome relativo (ou interrogativo) **quem**, a concordância é feita na 3.ª pessoa do singular:

(12) «**Isto** acontece no filme.»

(13) «**Alguém** chegou tarde.»

(14) «Fui eu **quem** chegou tarde.»

3.2.2. CONCORDÂNCIA COM «UM DOS QUE»



Quando o pronome relativo for antecedido pela expressão "um dos que" o verbo fica no singular ou no plural?

Em princípio, quando se utiliza «um dos que» (= «um daqueles que»), o verbo da oração que se segue e que tem esse **que** como sujeito deve ir para a 3.ª pessoa do plural, pois o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo (**os, aqueles**): o pronome relativo diz respeito àqueles **os** que fizeram alguma coisa. Assim, deverá dizer-se:

(1) «Este cardeal foi um dos que **elegeram** o novo papa.»

Se antes do relativo **que** estiver um substantivo («um dos rios que», «uma das frases que», «um dos aspetos que», etc.), a regra mantém-se:

(2) «Ele apresentou um dos assuntos que mais **prenderam** o auditório.»

Outras perspetivas

Pode pôr-se o verbo no singular em situações especiais, quando se pretende destacar o sujeito do grupo ao qual pertence. Por exemplo, se a frase se inicia pela expressão «um dos» + substantivo + **que**, surgindo depois uma oração intercalada e só depois o predicado da oração inicial, o verbo da oração relativa intercalada vai muitas vezes para o singular:

(3) «Um dos escritores que mais me **impressionou** foi Padre António Vieira»

(4) «Uma das peças que **agrada** sempre é Frei Luís de Sousa»

(5) «Um dos oradores que **fez** uma intervenção excelente está mesmo ali.»

Em casos desta natureza, a opção pelo singular ou pelo plural pode ter a ver com a intenção do locutor, pois o pronome relativo pode assumir como antecedente o artigo indefinido, que permite destacar a singularidade da entidade referida, ou o substantivo plural, que permite referir a entidade de forma genérica e indefinida.

Fonte

Rocha, M. R. (2005). “Um dos que...”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/um-dos-que/14163>

3.2.2. CONCORDÂNCIA COM EXPRESSÕES PARTITIVAS

Qual é a concordância correta em frases como as indicadas em (1) a (4)?

(1) «Uma dúzia de bombeiros apagou/ apagaram o incêndio em menos de meia hora.»

(2) «Uma grande percentagem dos agricultores portugueses está/ estão com grandes dificuldades económicas.»

(3) «A maior parte das casas do bairro X está/ estão a cair.»

(4) «Um grupo de trabalhadores da empresa X fez/ fizeram uma manifestação em frente à Assembleia da República.»



Há duas regras que dizem o seguinte:

i) O verbo pode ir para o plural, quando atribuímos a ação do verbo, mas separadamente, aos indivíduos que formam o coletivo:

(1) «A maior parte dos alunos foram ao passeio.»

Chama-se concordância siléptica, e não gramatical.

ii) O verbo fica no singular, quando concorda com o nome coletivo. É a concordância gramatical:

(2) «A maioria dos homens não quer salvar-se.»

Deve-se preferir o singular, quando a ação do verbo se refere ao nome coletivo e não a cada ser separadamente:

(3) «A maioria dos chefes prejudica a disciplina.»

Há gramáticos que se limitam a admitir as duas construções, e não fazem mal, porque simplificam. Embora se admitam ambas, convém preferir a sintaxe da alínea ii), que é a

concordância gramatical, ou seja, a concordância lógica. Há situações, porém, em que é preferível a sintaxe mencionada na alínea i).

Na frase 4, por exemplo, é preferível a concordância siléptica:

(4) Um grupo de trabalhadores da empresa X fez uma manifestação.»

Eis a explicação: o «grupo de trabalhadores da empresa» está apresentado como um grupo coeso, mais como uma unidade do que como uma pluralidade, daí a preferência pela concordância no singular.

Fonte

Henriques, J. N. (1997). “Concordância do verbo”. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/concordancia-do-verbo/1528>

4. SEMÂNTICA

4.1. VALOR ASPETUAL – NOÇÕES GERAIS

O aspeto está relacionado com a estrutura temporal interna de uma dada situação apresentada numa frase. A forma como uma situação é concebida pode envolver as propriedades da **pontualidade** (duração interna da situação), a **telicidade** (com ou sem ponto final intrínseco) e a **homogeneidade** (que se verifica ou não em todos os intervalos de tempo).

Estas propriedades estão associadas a duas classes aspetuais: o aspeto lexical e o aspeto gramatical.

O **aspeto lexical** está relacionado com o significado intrínseco dos verbos, o que permite distinguir entre estados e eventos:

(i) um estado caracteriza-se por ser uma situação não dinâmica (não leva a mudança de estado), durativa e sem um ponto final intrínseco, como em:

(1) «O João é alto.»

(ii) Um evento caracteriza-se por ser uma situação dinâmica (leva a mudança de estado), que pode ser ou durativa e sem um ponto final intrínseco, como em:

(2) «O João escreveu o artigo.»

O **aspeto gramatical** pode ser expresso por meio da interação entre o aspeto lexical e processos gramaticais como o valor dos tempos verbais, os verbos auxiliares, os modificadores, entre outros. Estes processos permitem representar as situações com diferentes valores:

(i) Valor perfetivo: apresenta a situação como culminada:

(3) «O João correu a maratona.»

(ii) Valor imperfetivo: apresenta a situação como não culminada:

(4) «O João está a escrever um artigo.»

(iii) Valor genérico: apresenta a situação como universal e, portanto, aplicável a diferentes situações e intervalos temporais:

(5) «Os pássaros constroem ninhos.»

(iv) Valor habitual: apresenta situações construídas como recorrentes ou como sendo uma característica; ocorrem de forma regular e previsível, como em:

(6) «Ele costuma correr ao final da tarde.»

(v) Valor iterativo: apresenta a situação como um evento que se repete, num determinado intervalo temporal:

(7) «Ele foi ao cinema todas as semanas no último mês.»

4.1.1. ASPETO GRAMATICAL VS. ASPETO LEXICAL



Gostaria que me esclarecessem sobre as diferenças que existem entre valor imperfetivo, durativo, habitual e iterativo. O valor imperfetivo pode ser simultaneamente durativo? Não consigo identificá-los claramente nas frases. A título de exemplo, no segmento «hoje os investigadores continuam a fazer perguntas (...)», o complexo verbal «continuam a fazer» que valor expressa?

Muito obrigada pela atenção dispensada.

Os valores aspetuais perfeito-imperfetivo realizam-se na flexão do verbo. É o aspeto gramatical.

Uma ação perfeita (realizada pelo pretérito perfeito) corresponde a uma ação unificada, sumariada, holística. Imaginemos um intervalo de tempo como uma linha espacial, com um princípio (limite da esquerda) e um fim (limite da direita). O intervalo de tempo da ação perfeita tem o limite da direita fechado. Esse intervalo de tempo pode ter demorado um segundo ou décadas, mas o seu limite temporal da direita é perspectivado como fechado:

(1) «A minha filha brincou no parque, depois fomos às compras e foi tudo perfeito.»

Pelo contrário, a situação imperfetiva oferece uma visão analítica da ação, na sua extensão não mensurável. O intervalo de tempo da ação é aberto, ou seja, o termo da ação não é considerado. O aspeto imperfetivo, em português, pode ser expresso pelo pretérito imperfeito, pelo presente, pelo pretérito perfeito composto ou pelo progressivo (estar a + INF):

(2) «Eu brincava neste parque. Tudo era perfeito.»

O valor durativo pertence à semântica do verbo que designa a ação, independentemente das opções morfológicas do locutor, ou seja, independentemente da flexão em que se encontra o verbo (se bem que nem todas as combinações sejam aceitáveis, como por exemplo: ? «A bomba estava a explodir»).

Falamos então de aspeto lexical. Na avaliação integral do valor aspetual de uma predicação (e não só do complexo verbal) consideram-se também os complementos e adjuntos do verbo (a composicionalidade da predicação).

Sistematizemos os valores aspetuais não puramente gramaticais:

- (i) Situações estativas: ser azul; odiar
- (ii) Situações dinâmicas: correr/correr 5 km
- (iii) Situações durativas: crescer
- (iv) Situação pontual: explodir
- (v) Situação composta por uma ocorrência singular: partir
- (vi) Situação composta por ocorrências plurais: a) iterativa: dormir b) frequentativa: estuda muitas vezes c) habitual: costuma estudar d) gnómica: estudar é enriquecer
- (vii) Situação atélica: jogar, cantar, pensar
- (viii) Situação télica: afogar-se, nascer, morrer

Como há perífrases cujos verbos auxiliares não estão totalmente vazios do seu significado lexical, também é possível considerar:

- (i) Situação iminencial: está para estudar
- (ii) Situação inceptiva: começa a estudar
- (iii) Situação continuativa: continua a estudar
- (iv) Situação pré-final: está a acabar de estudar
- (v) Situação final: acaba de estudar
- (vi) Situação cessativa: deixa/para de estudar
- (vii) Situação egressiva: tem a matéria estudada.

A análise aspetual da frase «os investigadores continuam a fazer perguntas»: situação imperfetiva (flexão de presente), continuativa e frequentativa – por causa do plural «(fazer) perguntas» (= «perguntar muitas vezes»).

Fonte

Martins, A. (2017). “Aspeto gramatical vs. Aspeto lexical”. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/aspeto-gramatical-vs-aspeto-lexical/34352>

4.1.2. IMPERFETIVO OU ITERATIVO?



Em «Agora ele tem vivido em Coimbra», podemos apreciar o valor aspetual iterativo ou imperfetivo? Assim sendo, os enunciados construídos com complexos verbais como «tens vivido» ou até no pretérito «tinhas feito» configuram sempre o mesmo valor aspetual ou depende do contexto específico de cada frase?

A frase apresenta um valor aspetual gramatical imperfetivo.

Uma frase veicula normalmente um valor aspetual lexical e um valor aspetual gramatical (que pode inclusive alterar o primeiro). A título de exemplo, o verbo **pintar** traduz o aspeto lexical de um evento, que pode ser perspectivado de diferentes formas por ação do aspeto gramatical:

- (i) na sua fase inicial: «Ele começou a pintar um quadro.»
- (ii) na sua fase terminativa: «Ele acabou de pintar um quadro.»
- (iii) como uma repetição habitual: «Ele pinta quadros.»
- (iv) como uma iteração: «Durante um ano, pintou quadros.»

Na frase em apreço, o aspeto lexical do verbo **viver** é o de um estado, pois descreve uma situação durativa e homogénea¹. Este estado é perspectivado de forma particular ao ser associado ao pretérito perfeito composto do indicativo. Com efeito, este tempo verbal em particular configura uma situação que teve início no passado, que decorre no presente de enunciação e que poderá manter-se no futuro². Por essa razão, estamos perante uma situação com um aspeto gramatical imperfetivo, visto que esta é perspectivada no seu decurso, sem que se delimitem o seu início ou o seu fim.

Note-se que o pretérito perfeito composto é um tempo que se associa tipicamente à expressão do valor aspetual gramatical de iteração, concebida como «uma situação repetida numa porção espaço-temporal delimitada, mas sendo o conjunto dessas repetições perspectivado como um evento único»³, tal como acontece em:

- (1) «Ele tem escrito artigos no jornal.»

¹ Para um maior aprofundamento dos traços distintivos associados ao aspeto lexical, cf. Oliveira & Mendes (2013), p. 587-598.

² Para mais informações sobre os valores aspetuais associados ao pretérito perfeito composto, leia-se, por exemplo, Mateus et al., 2003, p. 142-144.

³ Idem, *ibid.*, p. 586.

No caso em apreço, não podemos considerar que estejamos perante um conjunto de situações repetidas, pois a situação descrita pelo verbo **viver** é, como já se disse, homogénea. Assim sendo, a frase exprime apenas um valor imperfetivo.

Pelo que ficou exposto, fica também claro que os tempos compostos podem associar-se à expressão de diferentes valores aspetuais, pois estes valores não dependem apenas do tempo verbal em si, mas da interação que este mantém com o verbo e, eventualmente, com outros elementos da frase.

Fonte

Marques, C. (2019). “Valor aspetual imperfetivo”. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/bo/questions/35231>

4.1.3. ASPETO HABITUAL VS. ASPETO ITERATIVO



Gostaria, se possível, que ajudassem a distinguir os valores iterativo e habitual.

Os estudos relacionados com a aspetualidade envolvem grande complexidade e nem sempre são completamente concordantes. Não obstante, em contexto escolar, a aspetualidade é abordada de forma mais simples, procurando-se tratar os aspetos que revelam estabilidade em cada um dos conceitos.

É importante começar por compreender que tanto o valor iterativo como o valor habitual traduzem situações durativas, ou seja, situações que têm duração temporal.

O valor iterativo expressa uma noção de repetição de uma situação num dado intervalo temporal:

(1) «Até às nove horas telefonou a todos os amigos.»

O valor iterativo descreve a repetição de um conjunto de situações que pressupõem uma interrupção («telefonou», «terminou o telefonema»), seguida de uma repetição da mesma situação («voltou a telefonar», «terminou o telefonema»). O valor iterativo descreve um conjunto de situações que se repetem e são apresentadas como situação única.

O valor habitual, como o nome indica, descreve um hábito, ou seja, uma situação que é apresentada como regular, sem limite temporal:

(2) «Levanto-me sempre às seis da manhã.»

O habitual corresponde à apresentação de uma sucessão de situações equivalentes que se perspetiva como um padrão regular de comportamento ou de característica habitual de alguém. A ideia do hábito pode ser reforçada pela introdução na frase de advérbios como **habitualmente** ou **normalmente**:

(3) «Levanto-me habitualmente às seis da manhã.»

Fonte

Marques, C. (2021). “Aspeto iterativo vs. aspeto habitual (II)”

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/aspeto-iterativo-vs-aspeto-habitual/36400>

4.1.4. VALOR ASPETUAL DE VIR + GERÚNDIO



Gostaria de saber qual o valor aspetual da expressão «para um leitor que venha acompanhando a obra desde os seus primórdios».

Sem outro contexto (que poderia, eventualmente, condicionar a interpretação aqui feita), a expressão veicula um aspeto lexical de evento durativo e um aspeto gramatical de habitualidade.

Do ponto de vista do aspeto lexical, o complexo verbal «venha acompanhando» representa um evento durativo (visto que se trata de uma situação com duração interna), representado com um aspeto continuativo, uma vez que se descreve a situação no seu decurso.

No que se refere ao aspeto gramatical, a interação entre o complexo verbal «venha acompanhando» e o constituinte de valor adverbial «desde os seus primórdios» contribui para a expressão de um valor de habitualidade, que «representa um padrão de repetição da situação suficientemente relevante a ponto de poder ser considerado como uma propriedade característica da entidade representada pelo sujeito gramatical»¹. Com efeito, a construção da situação permite que se considere a expressão equivalente a «ele é acompanhador da obra», o que confirma a configuração do aspeto habitual.

Fonte

Marques, C. (2021). “Valor aspetual de *vir* + gerúndio”

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/valor-aspetual-de-vir--gerundio/36866>

¹ Cunha, 2013, p. 586.

5. PONTUAÇÃO

5.1. A VÍRGULA – NOÇÕES GERAIS

A vírgula deve ser usada nas seguintes situações:

(i) Os advérbios **sim** e **não**, em situação de resposta a interrogativas totais, são seguidos de vírgula:

(1) «– Sim, vou ao cinema. Não, não quero.»

(ii) A vírgula separa ou intercala o vocativo, grupo de palavras que identifica o “tu” a quem se dirige a pessoa que fala:

(2) «– João, vem cá!»

(3) «– Bom dia, João.»

(4) «– Diz-me, João, vens connosco?»

(iii) A vírgula delimita constituintes com a função de modificador apositivo do nome, indicando que não são elementos essenciais da frase e que apresentam uma explicação ou uma informação extra:

(5) «O João, o meu colega, já chegou.»

(6) «O livro deste autor, que apresentei na aula, ganhou um prémio.»

(iv) A vírgula isola as orações subordinadas adverbiais quando são colocadas antes da oração subordinante:

(7) «Quando o João chegar, vamos tomar café.»

(v) Quando uma oração intercala outra, a vírgula delimita-a:

(8) «– O João, acrescentou ele, chega hoje.»

(vi) Com conectores como **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, a colocação da vírgula segue diferentes regras: coloca-se antes do conector quando este surge à cabeça da oração; delimita o conector se este surgir no interior da sua oração; coloca-se depois do conector se este surgir em início absoluto de frase:

(9) «O João chegou tarde, porém não se justificou.»

(10) «O João não quis sair, sentia-se, porém, muito só.»

(11) «O João terminou o trabalho. Todavia, só o entregaria no dia seguinte.»

Fonte

Marques, C. (2019). “Vírgula, sim!”. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/virgula-sim/3975>

5.1.1. A RELEVÂNCIA DA PONTUAÇÃO



Gostaria de saber como pontuar frases do tipo: «Gosto de português/ não de matemática». Estou em dúvida se neste caso se aplica a regra pela qual utilizamos vírgula para marcar um termo elíptico (gosto) ficando a frase desta forma: «Gosto de português; não, de matemática». Ou se apenas é necessário o uso de uma vírgula separando as orações: «Gosto de português, não de matemática». Nesse segundo caso, se for correto, gostaria de saber a regra que se aplica. Outra dúvida é: se eu separar orações coordenadas com pontos, a união delas ainda continua sendo um período? Por exemplo: «Será uma vida nova. Começará hoje. Não haverá nada para trás.» Continua sendo um único período como em «Será uma vida nova, começará hoje, não haverá nada para trás.»?

Temos aqui várias dúvidas que trataremos por pontos:

1. A frase «Gosto de português, não de matemática» contém, de facto, a ideia do termo elítico, isto é, «Gosto de português, mas não gosto de matemática». Terá a vírgula a marcar a oposição das ideias contidas, como se vê no desdobramento com a introdução da adversativa **mas**.
2. No caso de «Gosto de português; não, de matemática» a ideia expressa é diferente, isto é, quando o emissor diz «não, de matemática» está a corrigir o que expressou na oração anterior, pois o advérbio de negação, *não*, antecedido e isolado por vírgula, contradiz o que

anteriormente disse, que gostava de português. Afinal, do que gosta é de matemática. Assim, temos uma frase que expressa uma ideia contrária à do ponto 1.

3. «Será uma vida nova. Começará hoje. Não haverá nada para trás» tem três frases distintas, uma vez que temos ponto final no fim de cada oração. Estamos perante uma opção estilística, que se socorre de pausas acentuadas no fim de cada frase, marcando um ritmo lento.

Por outro lado, a frase «Será uma vida nova, começará hoje, não haverá nada para trás» é construída por orações coordenadas copulativas assindéticas, que transmitem uma ideia de enumeração exaustiva. É outra opção de construção estilística.

Fonte

Alves, M. E. (2018). “Sobre a relevância da pontuação”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-relevancia-da-pontuacao/34625>



5.1.2. A VÍRGULA EM «QUER... QUER...»

Coloca-se ou não vírgula em «quer... quer»?

A locução conjuntiva alternativa ou disjuntiva **quer... quer...** pode ligar orações ou elementos da mesma oração. Se liga orações, usa-se com vírgulas, colocadas antes das duas ocorrências de **quer**:

(1) «De qualquer jeito, quer viaje de carro, quer [viaje] de avião, ele vai.»^{1 2}

(2) «Quer chovesse, quer fizesse sol, tinha de sair.»³

Se liga elementos da mesma oração, é facultativo o emprego de vírgulas antes de qualquer uma das duas ocorrências de **quer**:

(3) «Chora quer de dor, quer de saudade.»¹

(4) «O artigo abordava assuntos quer políticos quer sociais.»³

Fonte

Rocha, C. (2009). “Ainda a vírgula em ‘quer... quer’”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ainda-a-virgula-em-quer-quer/25734>

¹ *Dicionário Houaiss*.

² A frase foi retirada do *Dicionário Houaiss*, que a dá como exemplo de conjunção alternativa que «liga orações do mesmo nível sintático, mantendo entre elas uma relação de alternância». Acrescentei entre parênteses retos a forma verbal **viaje**, que não ocorre na segunda por elipse.

³ *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa.

5.1.3. VÍRGULA ANTES DE **TAMBÉM** E **ESPECIALMENTE**



Está correto o uso das vírgulas nestas frases: «Ele defendeu a universidade alemã (,) também porque, durante o Terceiro Reich, havia vivido seu próprio fracasso» ou «Ela saiu de casa com o guarda-chuva (,) especialmente porque a mãe lhe pedira».

A vírgula colocada antes dos advérbios **também** e **especialmente** está, nos casos apresentados, correta. Estes advérbios incidem sobre a oração subordinada com uma função focalizadora ao mesmo tempo que contribuem para a coesão interfrásica, funcionando como conectores. Ao incidirem sobre a oração, realçam a causa apresentada (que será uma entre outras). Esta ação contribui para que as orações apresentadas sejam próximas das orações adverbiais periféricas. Ou seja, estamos perante orações que têm «uma menor ligação prosódica e estrutural à oração principal» (Lobo in Raposo et al. 2013, p. 2023). Por esta razão, estas orações são antecedidas de pausa na oralidade e de vírgula na escrita.

Fonte

Marques, C. (2020). “A vírgula antes dos advérbios também e especialmente”. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-virgula-antes-dos-adverbios-tambem-e-especialmente/35756>

5.1.4. A VÍRGULA ANTES DE *OU*



A seguinte frase, retirada de *Diário, de Sebastião da Gama*, é assim pontuada pelo autor: «A aula de hoje foi uma conversa animada, calorosa, por vezes, sobre as redações. Cada qual fazia ler ou lia a sua e depois a plateia criticava ou criticava eu.»

Por uma questão de ritmo de leitura, a ter sido eu a escrevê-la, pontuá-la-ia da seguinte forma: «A aula de hoje foi uma conversa animada, calorosa, por vezes, sobre as redações. Cada qual fazia ler, ou lia a sua, e depois a plateia criticava, ou criticava eu.» Estaria a cometer um erro ao colocar a vírgula antes de **ou**? Em que casos se pode e em que casos não se deve fazê-lo?

A vírgula colocada antes de **ou** não é um erro, mas também não se pode dizer que seja obrigatória. Muito depende de se considerar que antes de **ou** há uma pausa — e esse juízo, pela sua subjetividade, pode variar.

Evanildo Bechara (2002) indica que:

[...] [se emprega vírgula] para separar orações coordenativas alternativas (*ou, quer, etc*), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou* eu me desligarei do grupo.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo.¹

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino. (p. 609)

Nesta ótica, parece de recomendar o uso da vírgula antes de **ou** na frase apresentada pela consulente, até porque a conjunção liga orações («cada qual fazia ler ou lia a sua» e «a plateia criticava ou criticava eu»), à semelhança do primeiro exemplo de Bechara («Ele sairá daqui logo, ou eu...»). Contudo, na frase de Sebastião da Gama as coordenadas disjuntivas («ou lia sua», «ou criticava eu») não se apresentam como alternativas que excluem o teor das orações com que se coordenam (respetivamente, «cada qual fazia ler» e «e depois a plateia criticava»), antes se configurando uma relação próxima da situação de equivalência («solteiro ou solitário»), que dispensa vírgula. Repito: não acho que este sinal de pontuação seja obrigatório antes de **ou** na frase em discussão.

¹ Abonação de Machado de Assis (1899). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, p. 52.

No entanto, no intuito de facilitar a leitura da frase, que junta várias orações coordenadas, sugiro uma vírgula antes de **e**, com base no preceito enunciado por Cunha e Cintra (1984):

Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente:

[...] A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino. (Fernado Namora, TJ, 23) [...] (p. 643)

Não obstante, é de notar que Cunha e Cintra se referem a este emprego da vírgula como uma tendência geral, e não como uma regra. Mais uma vez me parece de concluir que existe certa margem de liberdade para dispensar a vírgula antes das conjunções coordenativas **e** e **ou**.

Fonte

Rocha, C. (2012). "A vírgula antes de *ou*». *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-virgula-antes-de-ou/30931>)

Referências bibliográficas

- Azevedo, M.O., Pinto, M. I. F. M., Lopes, M. C. L. (2006). *Gramática Prática de Português*. Lisboa Editora.
- Bechara, E. (2002). *Moderna Gramática Portuguesa*. Editora Lucerna.
- Cunha, C. & Cintra, L. F. L. (1984). *Nova Gramática do Português*. Edições João Sá das Costa.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Universidade Aberta.
- Figueiredo, J. M. N. & Ferreira, A. G. (1976). *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto Editora.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho.
- Matos, G. & Raposo, E. B. P. (2013). Estruturas de coordenação, in Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., Mendes, A., Andrade, A. (2013-2020). *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 1759-1817.
- Oliveira, F. & Mendes, A. Modalidade, in Raposo E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., Mendes, A., Andrade, A. (2013-2020). *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, p.587-598.
- Raposo, E. B. P. 2013. Advérbio e sintagma adverbial, in Raposo E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., Mendes, A., Andrade, A. (2013-2020). *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 1569-1684.
- Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., Mendes, A., Andrade, A. (2013-2020). *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teyssier, P. (1989). *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra Editora.

 **CIBERDÚVIDAS**
DA LÍNGUA PORTUGUESA

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

©
Carla Marques e Carlos Rocha (organização)
Inês Gama (colaboração)

Primeira publicação: Dezembro de 2023
ISSN: 2975-9889

Conselho Editorial :
Rosário Mauritti (coordenadora)
Helena Belchior-Rocha
Susana Cruz Martins
Cecília Aguiar
Teresa Segurado

Conceção e revisão gráfica: Jessica Mendes
Copyright: Laboratório de Competências
Transversais - Iscte, Ciberdúvidas da Língua
Portuguesa

Contactos:
Laboratório de Competências Transversais
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 210 464 020
Correio eletrónico: lct@iscte-iul.pt

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Edifício 2 - Sala C5.04
Tel.: (+351) 210 464 504'
Correio eletrónico: ciberduvidas@iscte-iul.pt